

O novo: encanto e desencanto. A sociabilidade do homem moderno diante do automóvel

BRUNA ARAÚJO CUNHA

Universidade Federal de Viçosa.

e-mail: bruna.cunha@ufv.br, ou brunah_gomes@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto *Gaetaninho*, do livro *Brás Bexiga e Barra Funda*, de Antônio de Alcântara Machado, relacionando-o com o poema *Cota Zero*, de Carlos Drummond de Andrade. Sendo assim, será observado o comportamento do homem diante do “novo”, mais especificamente o automóvel, na São Paulo moderna que se encontrava em um momento de crescimento industrial com a chegada dos imigrantes, e com o processo acelerado da urbanização da cidade, na década de 1920.

Palavras-chave: modernismo brasileiro, industrialização, modernidade, Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade.

1. Considerações iniciais

No início do século XX surgia o Movimento Modernista no Brasil, manifestando-se primeiramente na cidade de São Paulo, por meio da Semana da Arte Moderna em 1922, que aconteceu no Teatro Municipal nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro do referido ano. Essa data representa o marco da ruptura com o clássico, com os movimentos do século XIX, pois os artistas estavam em busca de uma reconstrução da nacionalidade brasileira, por uma nova concepção da arte. Para Gilberto Mendonça Telles essa revolução literária se resume em dois aspectos:

Abertura e dinamização dos elementos culturais, incentivando a pesquisa formal, vale dizer, a linguagem; ampliação do ângulo óptico para os macro e microtemas da realidade nacional, embora essa ampliação se tenha dado mais exatamente na linguagem, elevando-se o nível coloquial da fala brasileira à categoria de valor literário, fato que não havia sido possível na poética parnasiano-simbolista, quer pela sua concepção formal, quer pela concepção lingüística da época, impregnada de exagerado vernaculismo (TELLES, 1987, p. 277).

Esse movimento provocou uma mudança de mentalidade política e social no país, principalmente, em São Paulo que foi, em virtude da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), urbanizada e industrializada rapidamente. Com isso, havia na cidade uma demanda de mão de obra barata e especializada que atraiu muitos imigrantes, como japoneses e italianos.

Por outro lado, por meio da junção do capital industrial com o capital das lavouras de café surgia uma nova burguesia, proveniente da elite aristocrática, classe social que deu total incentivo ao Movimento Modernista, pois o sujeito burguês é mais “independente”, uma vez que, onde há industrialização, há mais independência.

Em *Brás, Bexiga e Barra Funda* presenciamos a convivência de tal imigrante (italiano), que é a figura de destaque da obra, com a aristocracia paulista. Alcântara Machado consegue, por meio dessa realidade, provocar o riso (uma das vertentes do movimento Modernista da década de vinte) e ao mesmo tempo propõe uma reflexão do contexto social desse período, pois o autor apresenta ao leitor o fugaz, ou seja, duas leituras com pontos de vistas distintos: ora distanciamento, ora envolvimento do leitor.

Em um período entre 1886 a 1914, a Europa viveu a chamada *Belle Époque*. Essa época ficou marcada pelo grande progresso da ciência e da técnica (automóvel, cinematógrafo, máquinas), anunciando os novos tempos: a velocidade e a comodidade trazida pela Era da Máquina. Porém, as duas grandes guerras (1914-1918 e 1939-1945) interromperam esse período eufórico.

Um pouco depois, surge a vanguarda que, de acordo com Gilberto Mendonça Telles, “é a parte mais radical dos movimentos literários e estéticos; é ao mesmo tempo uma literatura de choque, ruptura e abertura”. As vanguardas europeias tentaram expressar as consequências vividas na Era da Máquina. Uma das vanguardas que mais se destacou foi o Futurismo, fundado na Itália, em 1909, por Filippo Tommaso Marinetti. Esse movimento estético exaltava a vida moderna, defendendo uma arte sintonizada com o culto da máquina e da velocidade.

Na primeira geração modernista (1922-1930), percebemos a influência das vanguardas artísticas europeias por meio de uma nova concepção de arte que será prolongada na segunda geração modernista (1930-1945). Nesse sentido, será abordado, no presente trabalho, duas produções literárias da primeira e segunda geração modernistas, o conto “Gaetaninho”, de *Brás Bexiga e Barra Funda* (Antônio de Alcântara Machado), e o poema “Cota Zero”, de *Alguma Poesia* (Carlos Drummond de Andrade).

O conto de Alcântara Machado e a poesia de Drummond têm como temática o automóvel, porém as duas abordagens apresentam um viés distinto ao tratarem de um assunto futurista, a máquina, que representava o novo, um objeto de luxo e poder.

No *Manifesto Futurista*, Marinetti afirma que

o mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre adornado de grossos tubos como serpentes de folêgo explosivo... um automóvel rugindo, que parece correr sobre a metralha, é mais bonito do que a Vitória de Samotrácia (TELLES, 1987, p. 91).

Por essa passagem Marinetti evidencia seu desejo de negar a estética passadista (utilizando a Vitória de Samotrácia, uma escultura que representa a deusa Atena Niké), expressando principalmente o culto da velocidade que ganha força com a Revolução Industrial. Essa revolução substitui muitas atividades manuais e artesanais pelas máquinas; sendo também nesse período descoberta a energia a vapor, elétrica, nuclear e robótica.

Henry Ford foi o primeiro a produzir o automóvel em alta escala, importando alguns para o Brasil, e em 1919 a Ford tinha iniciado em São Paulo a montagem do modelo "Ford T". Durante o período de guerra, os brasileiros improvisaram algumas peças devido à necessidade do concerto de alguns veículos, e com isso iniciou-se a construção dos primeiros automóveis nacionais. Dessa forma, o automobilismo transformou-se em culto na cidade de São Paulo.

2. O automóvel: encanto ou desencanto?

Em 1927, foi publicado o livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Antônio de Alcântara Machado, composto por onze contos que retratam a adaptação do imigrante italiano, a urbanização de São Paulo e o comportamento dos personagens modernos da obra. Nessa narrativa cinematográfica, encontramos o humor dialogando com a preocupação de focalizar o sujeito que ocupa a capital paulista. Ainda de acordo com Alfredo Bosi:

Voltado para a vida da sua cidade, Alcântara Machado soube ver e exprimir as alterações que trouxera à realidade urbana em um novo personagem: o imigrante. O enxerto que o estrangeiro, sobretudo o italiano, significava para o tronco luso-tupi da antiga São Paulo produziu mudanças de costumes, de reações psicológicas e, naturalmente, uma fala nova a espelhar novos conteúdos (BOSI, 1994, p. 374).

Nesse sentido, o imigrante é a figura de destaque que ressalta o processo de adaptação econômica e cultural desse grupo, que por sinal foi um processo repleto de esforços e dificuldades. Em poucos contos, o imigrante italiano apresenta a ascensão econômica, enquanto o paulista aristocrata simboliza a falência e a vontade de se reascender socialmente, e para melhor exemplificar essa situação o autor utiliza o automóvel como símbolo dessa ascensão, devido ao fato de o veículo ser um objeto de alto valor aquisitivo, representando o luxo e o poder na sociedade paulista de 1920.

A elite paulistana se orgulhava de ter introduzido o automóvel na sociedade, e dada a

sua forma de introdução súbita e peculiar na cidade, duplamente aureolado pelo prestígio da mais moderna tecnologia européia e do mais vistoso objeto de consumo conspícuo, o automóvel passou a ser usado de forma a acentuar a sua mística e se impor como

uma moldura mecânica sofisticada do poder, mesmo na mão de choferes e empregados de companhias (SEVCENKO, 2000, p. 74).

Esse deslumbramento automobilístico é expresso no conto *Gaetaninho*, uma vez que esse retrata a história de um menino, representante dos imigrantes de condição humilde, que ficava perambulando pela Rua do Oriente admirado com os Fords que ali passavam. O sonho do garoto, de andar de carro pelas ruas, era de difícil concretização, pois as pessoas de classe média e baixa só andavam de bonde e, caso andassem de carro, era por motivo de enterros ou casamentos. Embora inacessível às pessoas pobres o fascínio pela vontade de andar em um automóvel era tão intensa que fez Gaetaninho sonhar com essa possibilidade.

Gaetaninho enfiou a cabeça embaixo do travesseiro.

Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam a tia Filomena para o cemitério. Depois o padre. Depois o Savério noivo dela de lenço nos olhos. Depois ele. Na boléia do carro. Ao lado do cocheiro. Com a roupa marinheira e o gorro branco onde se lia: *Encouraçado São Paulo*. Não. Ficava mais bonito de roupa marinheira mas com a palhetinha nova que o irmão lhe trouxera da fábrica. E ligas pretas segurando as meias. Que beleza rapaz! Dentro do carro o pai os dois irmãos mais velhos (um de gravata vermelha outro de gravata verde) e o padrinho Seu Salomone. Muita gente nas calçadas, nas portas e nas janelas dos palacetes, vendo o enterro. Sobretudo admirando o Caetaninho (MACHADO, 2002, p. 21).

Nesse sonho, o personagem realizava a vontade de andar de carro, mas por intermédio da morte da sua tia Filomena. Mas o desejo de Gaetaninho não é concretizado na vida real, e sua morte é destituída pelo seu sonho, mas que assume um tom cômico no conto.

Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou. No bonde vinha o pai do Gaetaninho.

A gurizada assustada espalhou a notícia na noite.

– Sabe o Gaetaninho?

– Que é que tem?

– Amassou o bonde!

A vizinhança limpou com benzina suas roupas domingueiras.

Às dezesseis horas do dia seguinte saiu um enterro da Rua do Oriente e Gaetaninho não ia na boléia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flores pobres por cima. Vestia a roupa marinheira, tinha as ligas, mas não levava a palhetinha.

Quem na boléia de um dos carros do cortejo mirim exibia soberbo terno vermelho que feria a vista da gente era o Beppino (MACHADO, 2002, p. 23).

O final do conto é surpreendente, não só pela rapidez de como se dá a morte de Gaetaninho, mas também pela troca de valores que o automóvel assume, passando de objeto admirado (representante do status econômicos) a motivo de dor e tristeza (a morte), que no conto é abordada com um caráter humorístico por meio de uma construção irônica presente no diálogo (amassou o bonde). Sendo assim, Alcântara Machado consegue criar uma inversão dos sentimentos para provocar o riso diante de um acontecimento trágico, isto é, a morte de um garoto que brincava na rua e foi atropelado por um objeto representante do culto da velocidade, da vida frenética urbana, da máquina. E o que era tragédia passa a ser motivo de riso.

Esse conto descreve o impacto que o automóvel causava no século XX, principalmente em uma metrópole como São Paulo, que era, em meados dos anos 1920, símbolo de progresso e modernização. Para isso, praticamente todo o conto se passa na rua – espaço público –, cenário de convivência de todos os segmentos da sociedade urbana, não deixando de ser também um elemento moderno, pois

com cada atravessar de rua, como o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica.

A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente do que a vida rural extrai (SIMMEL, 1967, p. 12).

Com o excerto acima, fica nítido que a rua é o espaço próprio da metrópole, isto é, da modernidade. E para isso ser concretizado, Alcântara Machado utiliza além do próprio espaço moderno – a rua – alguns recursos como a linguagem cinematográfica, frases fragmentárias, discurso direto e sintático, elementos da metrópole (automóveis, transeuntes, máquinas, motor, tumulto) fazendo com que a narrativa tenha um caráter breve, rápido, para melhor reproduzir o ritmo frenético da realidade urbana.

Carlos Drummond de Andrade presenciou em Belo Horizonte as influências do modernismo brasileiro, uma vez que o movimento influenciou todo o país, e foi adepto do espírito renovador dos artistas paulistas, trocando correspondências com Mário de Andrade e se tornando, por volta de 1930, na segunda geração modernista, o poeta de maior expressão.

Assim como Alcântara Machado retratou a relação do sujeito com o automóvel, Carlos Drummond de Andrade, em 1930, publicou o livro *Algumas Poesias*, composto por quarenta e nove poemas no qual consta o poema “Cota zero”, registrando também a convivência da sociedade moderna com esse objeto novo. Outro ponto em comum entre ambos os autores é a utilização do humor em suas obras, pois Drummond elabora o poema-piada estabelecendo um vínculo crítico com a realidade, utilizando alguns mecanismos presente nos contos de Alcântara Machado, como a linguagem coloquial, texto sintético e acontecimentos corriqueiros.

O poema que corrobora com a temática central do conto “Gaetaninho” é o seguinte:

Cota Zero

Stop.

A vida parou

ou foi o automóvel?

(ANDRADE, 2010, p. 91).

Por meio dessa leitura, que apresenta algumas temáticas propostas pelas vanguardas europeias, em especial o Futurismo, percebemos claramente a crítica feita à euforia do progresso e da adesão à máquina. Nessa passagem, há um proveitoso exemplo da postura antropofágica defendida por Oswald de Andrade, devido ao fato de o autor colocar o automóvel no mesmo patamar que a escravidão, pois o homem passa a exercer uma relação de subordinação com o automóvel, ou seja, o apego à tecnologia é tão intenso que se por um acaso ela falhar o mundo para, mesmo sabendo da sua recente invenção, o sujeito moderno torna-se dependente da tecnologia e incapaz de viver sem os bens materiais.

Cota Zero é um poema reflexivo que nos permite interpretá-lo como um registro da novidade – a indústria automobilística –, demarcando-a como negativa quando o poeta nos diz que o automóvel fez a vida ficar paralisada, isso significa que o homem também para, fica neutro, imobilizado pelas falhas tecnológicas da “Era da Máquina”.

Tanto Antônio de Alcântara Machado quanto Carlos Drummond de Andrade fazem uma crítica à sociabilidade do homem com o automóvel, através da linguagem coloquial, do humor e do texto curto. Porém, no poema de Drummond a crítica à velocidade e à era tecnológica está mais explícita que no conto de Alcântara Machado, que não apresenta o veículo com um aspecto tão depreciativo.

Exceto no conto “Gaetaninho”, Alcântara Machado aborda o automóvel nos demais contos como um encanto, símbolo de poder e riqueza. Para melhor explicar, temos o conto “A sociedade”, que narra a história de um rapaz, filhos de imigrantes italianos. O autor utiliza o automóvel para representar a ascensão econômica do jovem.

O Lancia passou como quem não quer nada. Quase parando. A mão enluvada cumprimentou com o chapéu Borsalino. Uiiiiia – Uiiiiia! Adriano Melli calçou o acelerador. Na primeira esquina fez a curva. Veio voltando. Passeou de novo. Continuou. Mais duzentos metros. Outra curva. Sempre na mesma rua. Gostava dela. Era a Rua da Liberdade. Pouco antes do número 259-C já sabe: uiiiiia-uiiiiia! (MACHADO, 1982, p. 41).

Como podemos perceber, o elemento de destaque no conto é o automóvel (Lancia) de Adriano, que passava na rua da sua namorada para vê-la; com isso, os pais de Teresa Rita, ao verem o automóvel do imigrante italiano, começavam a rever seus preconceitos. E por meio disso, ou seja, com a conquista de bens materiais representantes do luxo e poder, os imigrantes que chegavam em São Paulo começavam a conquistar espaço na sociedade.

Dessa forma, Alcântara Machado, no conto “Gaetaninho”, apresenta-nos esse objeto que causa fascínio, mas com um desfecho desencantador, no sentido de que o objeto de encanto foi a causa da morte de um garotinho que brincava de bola na rua. Por isso não podemos considerar que o culto pela velocidade trouxe somente agilidade para o sujeito que vive na cidade moderna, que precisa de praticidade, uma vez que o mesmo traz consigo sérios riscos: como o de deixar o homem na mão ou de causar acidentes graves, e até mesmo a morte. Como disse Marshall Berman, isso quer dizer que o automóvel tem um papel duplo no tráfego da cidade

para aqueles que têm autoconfiança ou confiança de classe, os veículos são fortalezas protegidas de onde se domina a massa de pedestres; para aqueles que carecem e confiam, os veículos são armadilhas, gaiolas, cujos ocupantes se tornam extremamente vulneráveis ao relance fatal de qualquer assassino (BERMAN, 2000, p. 247).

Já Carlos Drummond de Andrade problematiza essa questão muito mais do que Alcântara Machado, pois deixa claro que o automóvel, além de paralisar a vida de um sujeito somente, pode também paralisar todo o mundo, uma vez que o automóvel começa a automatizar as relações humanas, limitando a liberdade do homem e reafirmando a relação entre capitalistas e consumidores, entre outros aspectos.

Ao utilizar a ironia e provocar o riso, Drummond reflete muito mais sobre os problemas causados pelos meios de transportes, pois a partir do humor (cota zero), percebemos a tragédia da desvalorização da vida. Ele nos apresenta também a demanda de um novo espírito exigido pelos progressos da tecnologia, pois precisamos aprender a conviver com o novo, que vai causar em certos momentos o encanto e, em outros, o desencanto.

Na contemporaneidade, esse dilema está cada vez mais presente com o avanço tecnológico. Desde o surgimento da internet estamos observando como o homem precisa se sociabilizar de maneira correta com as inovações, pois, como foi mencionado anteriormente, ela pode nos trazer momento de encanto (no caso da internet podemos citar a facilidade da correspondência entre pessoas de diferentes países, a comodidade, a praticidade ...), mas por outro lado há também os desencantos, como o roubo de senhas, os conteúdos inadequados que são acessados por pessoas inapropriadas, os crimes cometido por intermédio de redes de comunicação, entre outros.

3. Considerações finais

O Modernismo destaca-se pela civilização industrial, dando destaque a tudo o que está relacionado à velocidade, como a máquina e a metrópole; principalmente a primeira geração modernista (1922-1928) que priorizava a velocidade futurística. Já a segunda geração (1928-1945) desvalorizava alguns aspectos da primeira, destacando os valores sociais do país.

É por isso também que na análise que foi feita posteriormente percebemos que o primeiro autor mencionado, Alcântara Machado, identifica-se mais com o Futurismo, ou seja, com o culto pela velocidade, demonstrando muito mais os ganhos que a sociedade obteve com o surgimento do automóvel, do que os prejuízos. Já Carlos Drummond de Andrade faz o contrário, isto é, apresenta de forma explícita os problemas que o automóvel gerou na sociedade: as limitações que a máquina nos impõe.

Retomando o Futurismo, Marinetti reafirmou a mais valia da Revolução Industrial e apenas os benefícios da velocidade, mas deveria mesmo repensar sobre o que disse a respeito do mito de Atena, pois ela é, antes de mais nada, a “deusa da inteligência, da razão, do equilíbrio apolíneo, do espírito criativo e, como tal, preside as artes, a literatura, a música e toda e qualquer atividade do espírito” (BRANDÃO, 1997, p. 39). E nada melhor para reafirmar esse excerto do que as palavras sábias do grande estudioso Mário de Andrade, que declarou brilhantemente que Atena é cintilância, mas oposta à cintilância ilusória do automóvel de Marinetti.

Com outras palavras, Alcântara Machado e principalmente Drummond nos dizem, em suas obras, que o espírito crítico vai além da vanguarda, ou seja, a obra de cada um deles problematiza o presente sem desprezar o passado, pois o que hoje é considerado novo, encantador, amanhã será velho; mas não podemos deixar de lembrar que esse objeto “velho” foi fonte de inspiração para a criação do “novo”.

Nesse sentido, é possível afirmar que as antigas bicicletas deram origem aos veículos mais modernos, o automóvel que foi considerado como novo e deslumbrante na década de 1920, hoje já faz parte da grande população, mesmo quem não o possui pode utilizá-lo como a prática mais comum no nosso dia a dia.

Logo, podemos concluir dizendo que os autores Alcântara e Drummond abordaram a sociabilidade do homem moderno com o automóvel por um viés diferente, mas deixando claros os encantos e desencantos que ele pode gerar na sociedade contemporânea. Pois como disse Roland Barthes, no poema de Drummond, *Cota zero*: “a redução da literatura a um código (falando grosso modo), não elimina o problema histórico, mas, obviamente, obriga a pensar a história de maneira nova” (BARTHES, 2005, p. 96).

4. Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BARTHES, Roland. *Inéditos. Vol. 4: Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria Iovialti e Marcelo Macca. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BOSI, Alfredo. *Histórica concisa da literatura brasileira*. 34 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

MACHADO, Antônio Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SIMMEL, Georg. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.